

CAPÍTULO 9

Manifestações práticas do esporte adaptado e paralímpico no processo de desenvolvimento da pessoa com deficiência¹

Danilo Lutiano Valerio

Entender as manifestações práticas esportivas adaptadas e paralímpicas como possíveis ferramentas de desenvolvimento para a pessoa com deficiência em todas as suas dimensões demanda uma série de posicionamentos críticos acerca da forma como essas atividades podem ser condicionadas. Para tanto, é preciso colocar em debate os ambientes de prática esportiva em que são instituídas essas ações. Neste sentido, trazer luz ao ambiente de prática esportiva de rendimento, de lazer e educacional autoriza a concepção de um diagnóstico material sobre os elementos constitutivos que permitem definir de modo concreto essa determinação. Em vista disso, de maneira específica o exercício esportivo adaptado, ao tangenciar todas essas possibilidades de envolvimento prático, pode se configurar como um instrumento de desenvolvimento pleno da pessoa com deficiência (físico-cognitivo-social).

Para pensar o esporte adaptado e paralímpico como uma ferramenta de desenvolvimento para a pessoa com deficiência é preciso compreender as múltiplas formas de manifestação do fenômeno esportivo na contemporaneidade. Do ponto de vista histórico e sociológico são vários os autores que se debruçaram acerca desse programa

1 Pesquisa de pós-doutorado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no Programa de Desenvolvimento da Pós-graduação (PDPG) Pós-Doutorado Estratégico.

de pesquisa e dissertam a respeito da maneira como o esporte² foi concebido e passou a se desenvolver conforme motivações sociais ocorridas no transcurso histórico da sociedade que limita o seu engendramento.³

Esses conceitos permitem identificar a estruturação básica do esporte moderno perante a constatação de atributos elementares que foram descritos pelo historiador Allen Guttmann (1978), que o definiu como sendo secularizado, especializado, racionalizado, burocratizado, quantificado, que permite a igualdade de disputa e envolve a busca por recordes dos seus praticantes. Ao expor essas características é factível admitir a presença de uma noção nítida a respeito do formato do esporte como tal, porém essas propriedades não suportam a assimilação de todas as relações sociais que estão estabelecidas no seu interior.

A demarcação das conexões, ligações e encadeamentos que são fundados hoje no cerne da sociedade entre o fenômeno esportivo e os demais espaços sociais aparecem na leitura de um texto clássico de Pierre Bourdieu (2019), “Como podemos ser desportistas?”, que define a existência de uma esfera social esportiva (campo esportivo).

Na medida em que foram ocorrendo as transformações histórico-sociais, o esporte como elemento constitutivo da sociedade foi assumindo em sua estrutura formas distintas em relação à maneira como os indivíduos concebiam a sua prática esportiva e social. Essa apreensão em relação aos condicionamentos sociais aderidos pelo esporte em cada época faculta o enxergar como um objeto heterogêneo, que se expressa hoje como um fenômeno sociocultural contemporâneo que apresenta peculiaridades distintas daquelas instituídas durante a sua gênese. Marques, Almeida e Gutierrez (2007) fundamentam o conceito de esporte contemporâneo,⁴ que nos ajuda na tarefa teórico-metodológica de assimilá-lo e apreendê-lo conforme as suas atuais configurações.

Nesse sentido, é possível identificar alguns exemplos da efetivação do esporte ao longo da sua história, visualizando sua utilização como um instrumento político, econômico, cultural e ideológico. Essa demarcação pode ser exemplificada perante o seu reconhecimento como um aparelho político-ideológico de Estado, como parte constitutiva da indústria cultural ou ideológica,⁵ como um elemento cultural fundan-

2 Guttmann (1978), Brohm (1982), Elias e Dunning (1992), Bracht (2000) e Bourdieu (2019) trazem em suas concepções teóricas a leitura de ruptura do esporte. Essa perspectiva de análise diferencia o fenômeno esportivo contemporâneo de caráter sociocultural que tem sua gênese a partir da formação da sociedade burguesa dos “esportes” da Grécia clássica, Roma antiga e dos jogos medievais.

3 A dinâmica do surgimento, desenvolvimento, consolidação e processos de crise da sociedade burguesa é investigada conforme o exame marxista concebido por José Paulo Netto (2021).

4 Esse construto tem na investigação das transformações dos movimentos históricos que ocorreram na sociedade a chave para a compreensão dos elementos centrais que motivaram a constituição heterogênea das manifestações e expressões esportivas que ocorreram ao longo dos anos.

5 O filósofo venezuelano Ludovico Silva aprofunda seu entendimento acerca do conceito de indús-

te dos mais diferentes países e como uma mercadoria que vem se transformando e sendo consumida de diversas formas a partir do avanço da tecnologia que o impulsiona nessa direção (Silva, 2017; Souza; Oliveira; Marchi Júnior, 2018; Rocco Júnior, 2021; Almeida, 2023).

No que se refere a sua realização efetiva (prática esportiva), o esporte é conceituado como uma ação de caráter competitiva que demanda o emprego de habilidades motoras especializadas e a presença de uma determinação de ordem física (Tani; Manoel, 2004; Barbanti, 2006). Diante dessa caracterização é possível expor uma ordenação conceitual em relação ao esporte adaptado.

Segundo Araújo (2011), o esporte adaptado é definido pela adaptação dos processos racionais (regras) relativos às modalidades esportivas convencionais com o objetivo principal de possibilitar a sua prática a indivíduos que apresentam algum tipo de deficiência. Para tal propósito, pode-se identificar uma série de modalidades esportivas convencionais que tiveram as suas regras adaptadas para esse fim. Cita-se a natação adaptada (deficiência física/visual/intelectual) e o futebol de cinco (deficiência visual), por exemplo. É importante destacar o conceito de esporte para deficiente que consiste na criação de uma nova modalidade esportiva para esse fim. A modalidade esportiva *goalball* é um exemplo que se configura dentro dessa definição. Essas perspectivas teóricas exemplificam de modo nítido a diferença entre essas duas conceituações que definem as práticas esportivas que são instituídas para essa população (Araújo, 2011).

Ao traçar de modo breve o conceito de esporte adaptado e esporte para deficiente, faz-se necessário apresentar a noção básica do sentido de esporte paralímpico. A partir da concepção das modalidades esportivas adaptadas, surge o Movimento Paralímpico, que se configurou como elemento fundamental de manifestação desse tipo de conjuntura esportiva e que tem nos Jogos Paralímpicos (Verão e Inverno) sua principal forma de expressão (Marques; Gutierrez, 2014).

Desse modo, é preciso considerar os espaços em que essas ações podem ocorrer. De tal maneira, deliberar sobre a existência do ambiente de prática esportiva de rendimento (esporte profissional – da formação à profissionalização), ambiente de prática esportiva de lazer (esporte de participação) e ambiente de prática esportiva educacional (esporte escolar – ensino formal) permite enxergar a multiplicidade das demandas que estão presentes no empreendimento prático tanto do esporte convencional como do esporte adaptado/paralímpico (Marques; Gutierrez; Almeida, 2008).

tria cultural, concebido pelos pensadores da Escola de Frankfurt Adorno e Horkheimer, e avança, expondo a definição de indústria ideológica. Ver mais sobre essa noção no livro *A mais-valia ideológica* (Silva, 2017).

De acordo com esse diagnóstico é admissível compreender os diferentes delineamentos que podem suportar as manifestações práticas esportivas de acordo com o local em que estiverem sendo efetuadas. É necessário posicionar nessa apreensão qual ou quais são os sentidos que estão empregados durante a realização dessas ações de caráter esportivo. Para tanto, é preciso entender quais são as motivações que estão postas no interior de cada um desses ambientes.

Ao constatar esse delineamento, é factível admitir que a intenção que formata e envolve o ambiente de prática esportiva de rendimento tem como fundamento essencial o alcance de uma performance ótima (busca do alcance máximo dos aspectos físico, técnico, tático e cognitivo), na medida em que esse rendimento deve ser de origem obrigatoria e necessária.

Essa correspondência faculta à instituição uma ação que se conforma perante a confirmação de um espaço que se sistematiza de modo excludente. Isso significa que a realização efetiva do esporte nessa formatação fomenta o seu desenvolvimento funcional a partir da escolha dos melhores praticantes, ou seja, aqueles que apresentam maiores qualidades técnicas, atributos físicos e consciência tática. Em vista disso, a exclusão se confirma como um fator preponderante nesse ambiente, uma vez que aqueles que não desenvolvem um nível elevado dos parâmetros físico, técnico, tático e cognitivo são excluídos automaticamente desse ensejo (Marques; Gutierrez; Almeida, 2008).

No ambiente de prática esportiva de lazer/participação a ocorrência de um rendimento excelente não é uma razão determinante. A confirmação do esporte nesse ambiente manifesta como preocupação essencial a busca pela satisfação da prática pela prática. Essa disposição que demarca esse espaço prático distintivo do esporte traz uma atitude que visa o alcance de um deleite simplesmente pela ação desenvolvida em si. Logo, a exigência motora, física e mental que suporta a sua realização não necessita envolver um grau máximo, demandando apenas um padrão mínimo. Essa configuração permite identificar em seus termos práticos um rendimento esportivo ressignificado como condição básica.

O suporte dessa especulação carrega o exercício esportivo como uma atividade de lazer, tendo em vista que a satisfação da prática como um fim pauta a atitude central do sujeito em detrimento dessa intervenção (Marcellino, 2012). O regimento que fundamenta essa atividade surge perante uma predileção de caráter comportamental que vai determinar as escolhas das modalidades esportivas que serão promovidas com o escopo básico de auferir o máximo de recompensa na forma de contentamento, regozijo e sensação de prazer durante e após a sua execução.

De tal modo, essa particularidade que comporta esse tipo de ação esportiva permite compreender esse ambiente como um local que se estrutura exibindo um perfil

que tem suas ações vinculadas a um aspecto de inclusão que pode promover uma participação ampla, já que a prática dessas atividades não requer um alicerce elevado das variáveis corporais e mentais. O seu processamento poderá então proporcionar como resultado direto um desenvolvimento intrapessoal e interpessoal que consiste na obtenção de qualidade de vida, saúde, sociabilidade e inclusão social, por exemplo (Holanda *et al.*, 2015; Nahas, 2017).

Ao encaminhar a consideração sobre o ambiente de prática esportiva educacional, deve-se elevar a consciência em relação ao critério decisivo e substantivo que atesta a prática esportiva nessa perspectiva como uma ação de intervenção social, que deve ser instrumentalizada como uma ferramenta de conscientização política, de educação intelectual e cultural e de desenvolvimento físico e social. Dessa forma, os procedimentos que são ofertados nesse espaço fundamentam-se com a intenção de proporcionar um processo educacional de formação integral a partir do esporte (Bracht, 2000; Tani; Manoel, 2004).

Por apresentar essa estrutura, esse *locus* esportivo tem por escopo vital a busca pela implementação de práticas pedagógicas específicas a esse universo, com o intento de garantir o envolvimento integral de todos que estiverem presentes. O objetivo expresso de acordo com essa determinação é o de disseminar uma cultura esportiva pela sociedade. Portanto, deve-se confirmar esse ambiente a partir de um atributo inclusivo e participativo que possibilite o desenvolvimento de todos os fatores que marcam os seus praticantes (Betti, 2005; Marques; Gutierrez; Almeida, 2008).

Esse quadro admite distinguir as objetivações e significados que correspondem a cada espaço de prática esportiva. A exposição delineada faculta perceber que esse panorama se estrutura conforme o modo em que estão postos os condicionantes que demarcam cada um desses ambientes. A confirmação dos sentidos fundamentais que condizem com o seu núcleo prático particular sustenta o exercício esportivo em si.

Diante dessas observações, fica lícito expor o caráter não determinante que o esporte assume enquanto objeto de realização efetiva de ordem prática. Essa diretriz joga luz sobre uma série de concepções que definiam uma certa universalidade que não considerava o espaço em que essas ações estavam sendo instituídas.⁶ Utiliza-se como exemplos para essa ilustração a exposição de uma *consciência ingênua*⁷ que

6 Analisar as práticas esportivas sem a observação acerca do ambiente em que essas atividades estão sendo desenvolvidas não condiz de maneira consciente e verdadeira a respeito dos elementos fundamentais próprios que se expressam e simbolizam as motivações que determinam de forma elementar as ações esportivas em cada um dos ambientes mencionados.

7 Os conceitos de *consciência ingênua* e *consciência crítica* foram apreendidos e retirados da obra do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (2020), *Consciência e realidade nacional: a consciência ingênua* (volume 1).

se funda de acordo com frases que garantem a confirmação de um senso comum a respeito das possíveis representações acerca do caráter funcional do esporte (Pinto, 2020).

Descrições como “esporte é saúde”, “esporte é inclusão”, “esporte é educação” exemplificam o caráter ideológico que a prática esportiva pode assumir. Logo, uma leitura que não opera uma abstração com o intuito de exceder os aspectos superficiais imediatos da realidade concreta em relação às práticas esportivas torna-se infecunda e não transmite de modo real os aspectos conscientes que são formatados para sua estruturação (Santos, 2018; Netto, 2021). Essas generalizações não condizem com a complexidade que existe no esporte enquanto elemento prático. Por essa razão, esse conjunto de marcadores gerais que não coincidem com as concretudes que validam o exercício esportivo, tem por traço peculiar perturbar o esforço de compreender a realidade de toda a magnitude que condiciona e motiva o seu empreendimento. Deve-se então superar esses aspectos subordinando-os a um exame que preserva as unidades materiais que estruturam de maneira exata as ações que são desenvolvidas no interior de cada um desses espaços.

Ultrapassar as aparências e captar de modo abstrato os elementos essenciais que ordenam de forma prática a realização do esporte de acordo com o seu local de execução, provoca a instituição de uma *consciência crítica* que permite marcar a correspondência fundamental que sustenta os motivos concretos que determinam o seu propósito (Pinto, 2020). Ao dispor dessas considerações, define-se brevemente que as propriedades capitais que organizam esses ambientes são distintas. Portanto, sabe-se que compreender todos os aspectos comportamentais (de ordem pessoal e cultural) que estão colocados nessas áreas e que são responsáveis por motivar a sua prática demandaria uma análise mais complexa e profunda em relação a essa temática, o que não cabe neste instante.

Porém, a título de clarificação e simplificação para esse momento, pode-se afirmar perante esta célere teorização que cada ambiente de prática esportiva mencionado é delineado conforme um elemento preciso. Esse dado permite considerar que o envolvimento esportivo que se fundamenta a partir do rendimento traz como um componente substancial a performance máxima dos seus praticantes com consequente caráter de exclusão no seu interior. O esporte como recurso definido nas atividades de lazer tem em sua base inegociável a satisfação proveniente exclusivamente da prática em si. Por fim, a efetivação do esporte no âmbito escolar (educação formal) tem como foco central a disposição dos processos educacionais como objetivo central que alicerça o seu esforço de operação.

Para analisar e compreender como as manifestações práticas esportivas adaptadas/paralímpicas podem se configurar como ferramentas de desenvolvimento para

a pessoa com deficiência, é necessário empregar nessa intervenção de caráter abstrato os elementos especulativos que foram descritos até aqui. Toda essa elaboração teórica permite agora colocar o esporte adaptado/paralímpico em posição de investigação, para, de tal modo, considerar quais são os incentivos materiais que definem sua ocorrência.

Essa crítica consiste na interpretação de dados empíricos⁸ que sinalizam para uma aproximação em relação a esses questionamentos. A presença de informações que registram as causas que fundam os elementos constitutivos da prática esportiva adaptada permite interpretar de maneira autêntica suas possíveis justificações. Além desse ponto levantado, a aplicação desse procedimento possibilita obter uma visão patente sobre o caráter funcional que ampara cada um dos ambientes de prática esportiva que compõem esse cenário.

Eu vou colocar a própria missão institucional que nós temos, que é o desenvolvimento do Esporte Paralímpico em âmbito nacional, desde a base ao alto rendimento, e também o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) tem um papel na inclusão da pessoa com deficiência. Então é a missão institucional do CPB por meio do esporte nós conseguimos promover a inclusão de pessoas com deficiência sempre com o foco da nossa missão institucional que é o alto rendimento (SD).

E a gente ter o trabalho com a base, com a inclusão, promover mais oportunidades para as pessoas com deficiência, criar mais Centros de Referência pelo Brasil, oferecer as condições que hoje as crianças e os adolescentes vêm tendo, que os militares vêm tendo, pessoal dos centros de reabilitação terão com os projetos, e uma coisa puxa a outra (SD).

O CPB ainda precisa fazer isso, e eu acho que o papel dele hoje ainda é completo, desde a iniciação até o alto rendimento, e não deveria ser. As Confederações, o COB se quer saber o que acontece na iniciação, o COB pega um atleta pronto que veio ali do Pinheiros, da Hebraica, do Tênis Clube de Campinas pronto e vai levar para uma Missão, o CPB não. Pega uma criança, uma pessoa com deficiência dentro do Centro

8 Os dados apresentados fazem parte de duas entrevistas semiestruturadas realizadas uma com um atleta do esporte paralímpico do Brasil (SA) e outra com um dirigente do Comitê Paralímpico Brasileiro (SD). As entrevistas foram realizadas para elaboração da tese *A institucionalização do Comitê Paralímpico Brasileiro e o campo esportivo paralímpico do Brasil: uma análise a partir das categorias de campo, capital e habitus* (Valerio, 2022). Na tese as entrevistas estão transcritas na íntegra.

de Reabilitação, ensina o que é o Esporte, ensina esse cara a ser competitivo, e quando esse cara está pronto ele leva para os Jogos. Então o papel do CPB ainda é maior do que ele deveria. (SD).

O Programa de Esportes nos Centros de Reabilitação que tinha também um escopo semelhante com o do Programa Militar, mas visava e ainda visa, porque existe ainda esse programa que não está mais comigo, mas visa trazer as pessoas que estão fazendo reabilitação na REDE LUCY MONTORO, na AACD, na REDE SARAH, em todos os outros centros para o Esporte. Então criar estratégias e parcerias com esses centros para o desenvolvimento do Esporte junto a essas pessoas. Desde 2017 minha principal atividade aqui dentro do CPB é justamente essa, é o Programa Militar Paralímpico, a gente vem apresentando estratégias, buscando parcerias com as Forças Armadas, com as Forças Policiais para fazer com que aqueles militares e policiais que adquirem deficiência possam conhecer o Esporte Paralímpico, utilizar o esporte como uma ferramenta de inclusão, como uma ferramenta de qualidade de vida, uma ferramenta que traz um novo norte para a sua vida, e também com isso fortalecer o Esporte Paralímpico (SD).

Aqui no Setor onde eu trabalho hoje nós temos, por exemplo, o desenvolvimento que eu quero mostrar para você das Escolinhas de Esporte Paralímpico, onde a gente recebe crianças com deficiência aqui no C.T. No ano passado, ou melhor no ano retrasado antes da pandemia nós tínhamos aqui 539 crianças que treinavam semanalmente, hoje nós já estamos com algo em torno de 280 salvo engano (SD).

Então na verdade o alto rendimento e o Esporte Paralímpico inclusivo, vai utilizado de maneira inclusiva, apesar de parecerem e serem de fato por vezes antagônicos, porque o esporte de alto rendimento é excludente, agora quando a gente faz o uso do esporte em uma sala de aula, com crianças, a gente está trabalhando o esporte como inclusão, mas são os 2 lados da mesma moeda, porque um depende do outro (SD).

O CPB tem as Paralimpíadas Escolares, certo? Olha para você ver, nessas Paralimpíadas Escolares já têm condições do atleta ser bolsista, entendeu? No ranking escolar que já ajuda com a Bolsa o atleta se mantém mais ou menos com um estímulo para ele não parar, entendeu? Então

todo ano tem as Paralimpíadas Escolares, e algumas instituições já levam os atletas direto para Paralimpíadas Escolares sem passar pelos Regionais. Esse atleta aqui não vai precisar nem passar pelo Regional, de repente ele já é abraçado de uma vez para ir direto, por exemplo se ele está lá em São Paulo, ele já vai direto para o C.T. (SA).

Eu participei, cheguei a pegar uma bolsa quando eu fui para as Paralimpíadas do Rio, até um pouco antes. Mas eu peguei, além de ser por indicação, ela te abriu assim uma qualificação. Ah tá, pelo Governo Federal até o 20º atleta ele consegue pegar uma Bolsa Pódio, só que a verba que vem, eu acho que não dá para pagar todos os atletas. Então eles têm que indicar. Chega em uma fase que eles têm que indicar. O cara até 4º lugar é impossível ele não pegar, ali ele vai pegar mesmo, aí 5º, 6º, 7º lugar já vai começando a ser meio por indicação, sabe? Além dele estar bem ranqueado, ele tem que ser indicado pelo Comitê Paralímpico (SA).

Ao posicionar em perspectiva de análise esse conjunto de elementos empíricos, observa-se que as principais abstrações consideradas nas linhas anteriores se aproximam das ocorrências exibidas. A confirmação dessas especulações sinaliza para a presença da prática esportiva adaptada/paralímpica em todos os espaços mencionados⁹ (*Ambiente de Prática Esportiva de Rendimento – Jogos Paralímpicos – Ambiente de Prática Esportiva de Lazer – centros de reabilitação médica e programas com forças de segurança – Prática Esportiva Educacional – Paralimpíadas escolares*).

Os dados fornecem recursos que permitem o reconhecimento dessa conjuntura como um meio para o desenvolvimento da pessoa com deficiência em todas as suas vertentes (físico – cognitivo – social). Entretanto, é preciso abstrair dessa aparência geral a sua determinação essencial, dado que os condicionantes que estruturam cada uma dessas práticas são resultados de uma série de subordinações que estão presentes de modo a confirmar suas aspirações. Isso significa expor que o processamento do esporte adaptado/paralímpico não se realiza de maneira estática e uniforme. Ao identificar todas essas possibilidades é assimilado que suas realizações não ocorrem sempre correspondendo a uma mesma idealização.

9 Chama atenção nesse movimento especulativo a relação de proximidade que envolve suas esferas práticas. Pode-se observar que, devido a questões próprias do esporte adaptado e paralímpico (menor quantidade de praticantes e maiores dificuldades de prática), o fomento dessas atividades no espaço escolar e de lazer acaba por se confirmar como canal de desenvolvimento para o âmbito de rendimento.

As ações esportivas em centros médicos, espaços de lazer, ambientes escolares formais e nos locais que visam a performance máxima dos atletas são elaboradas com objetivos distintos, que buscam desde a obtenção de um processo de reabilitação física, sentimento de satisfação, desenvolvimento da qualidade de vida, saúde e inclusão social, até a competição máxima dos seus praticantes, que pode significar a conquista do sucesso esportivo e consequente melhora das suas condições socioeconômicas.

Essa interpretação nos move em um caminho que sinaliza para as condições objetivas que promovem a estruturação das práticas esportivas que permeiam o esporte adaptado/paralímpico. No instante em que são eliminados os pressupostos genéricos que atrapalham a obtenção de sua essência, emergem uma série de considerações que suportam sua efetivação. Condicionar as práticas esportivas adaptadas/paralímpicas perante um olhar que as interpreta exclusivamente conforme um instrumento homogêneo que permite o desenvolvimento integral da pessoa com deficiência é um equívoco, pois os significados sensíveis que as fundamentam carregam consigo uma série de processos.

Essa consideração aproxima o esporte convencional do esporte adaptado no instante em que as práticas esportivas estiverem colocadas em um exame crítico. O intuito de determinar suas diretrizes funcionais deve portar o esforço de confirmar sua estruturação a partir da profusão de condicionantes que marcam os incentivos desses processos. O que está posto é que a prática esportiva, seja ela qual for, está condicionada a aspectos elementares que estruturam cada um dos seus ambientes de prática.

Colocar em evidência as informações que registram as causas fundamentais que sustentam os elementos constitutivos que fundam as ocorrências das práticas esportivas adaptadas/paralímpicas, expondo as especificidades vigentes em cada uma dessas circunstâncias, permite considerá-las como instrumentos de desenvolvimento para a pessoa com deficiência em todas as suas dimensões de maneira efetiva.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. B. O futebol e a sociabilidade: a ginga habermasiana e dionisiaca. *Movimento*, Porto Alegre, v. 29, p. 1-14, jan./dez. 2023.
- ARAÚJO, P. F. *Desporto adaptado no Brasil*. São Paulo: Phorte Editora, 2011.
- BARBANTI, V. O que é esporte? *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 54-58, jan./abr. 2006.
- BETTI, M. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 183-197, jul./set. 2005.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2019.

- BRACHT, V. Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 53-63, set. 2000.
- BROHM, J. M. *Sociología política del deporte*. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca pela excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.
- GUTTMANN, A. *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University, 1978.
- HOLANDA, C. M de. A. *et al.* Redes de apoio e pessoas com deficiência física: inserção social e acesso aos serviços de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 175-184, jan. 2015.
- MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 2012.
- MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-242, set./dez. 2007.
- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. *O esporte paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas*. São Paulo: Phorte Editora, 2014.
- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. *Conexões*, Campinas, v. 6, n. 2, p. 42-61, mai./ago. 2008.
- NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde & qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2017.
- NETTO, J. P. *Economia política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2021.
- PINTO, A. V. *Consciência e realidade nacional: a consciência ingênua*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. v. 1.
- ROCCO JÚNIOR, A. J. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, v. 13, p. 178-199, dez. 2021.
- SANTOS, T. *Socialismo ou fascismo: o novo caráter da dependência e o dilema latino-americano*. Florianópolis: Insular, 2018.
- SILVA, L. *A mais-valia ideológica*. Florianópolis: Insular, 2017.
- SOUZA, J. de.; OLIVEIRA, V. M. de; MARCHI JÚNIOR, W. A “família intelectual” marxista e os estudos sociais do esporte no Brasil: recepção, rotinização e implicações epistemológicas. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Taguatinga, v. 26, n. 2, p. 103-112, abr./jun. 2018.
- TANI, G.; MANOEL, E. J. Esporte, educação física e educação física escolar. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (orgs.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 113-141.

VALERIO, D. L. *A institucionalização do Comitê Paralímpico Brasileiro e o Campo Esportivo Paralímpico da Brasil: uma análise a partir das categorias de campo – capital – habitus*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.